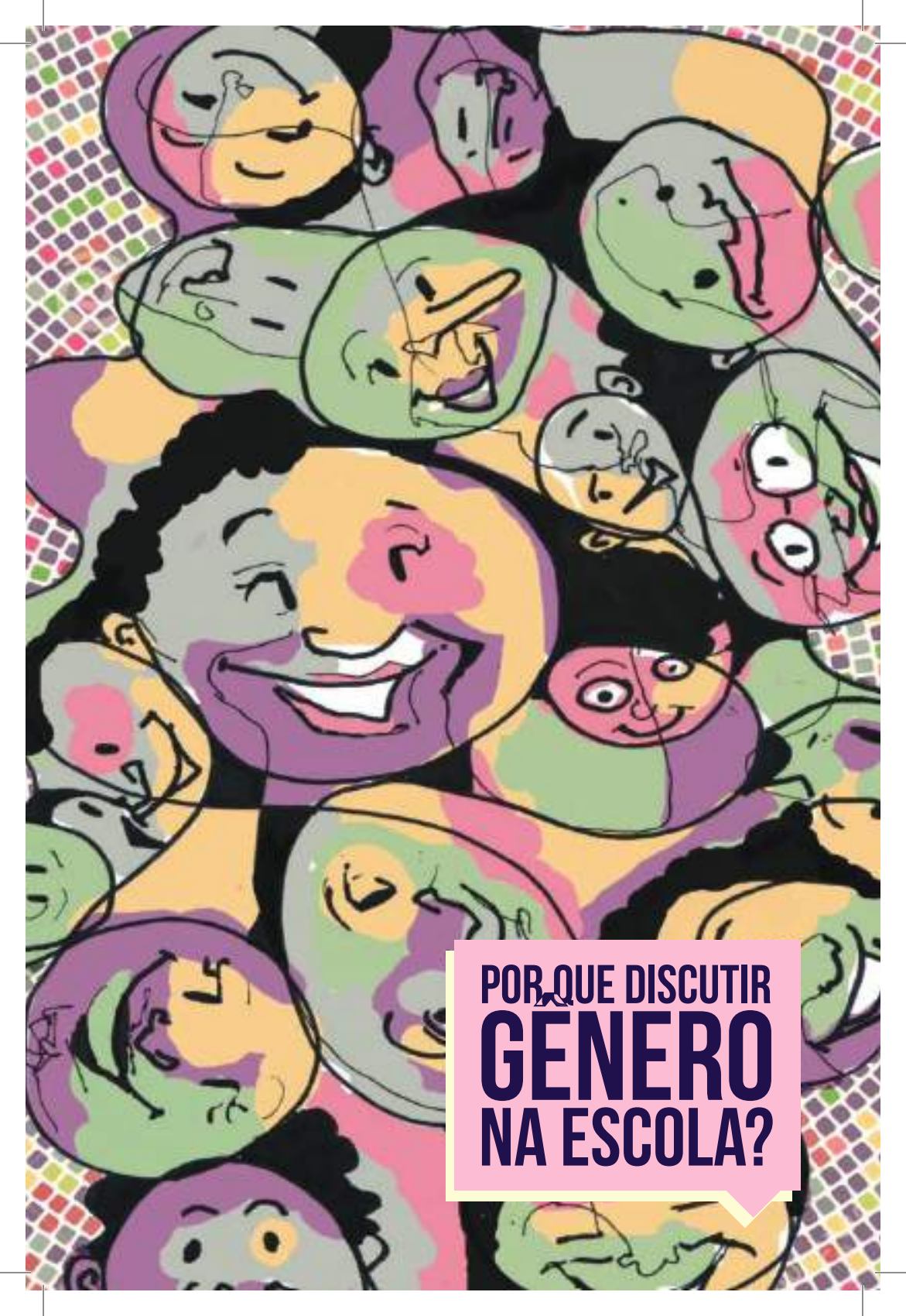




POR QUE DISCUTIR
GÊNERO
NA ESCOLA?

A stylized, high-contrast illustration of a woman's face and upper body. The background is a vertical rainbow gradient. The woman's features are rendered in dark, bold outlines. Her hair is dark and voluminous. Her eyes are looking slightly to the right. Her mouth is open, showing teeth. The overall style is graphic and modern.

POR QUE DISCUTIR **GÊNERO** NA ESCOLA?



**ação
educativa**

JADIG – Jovens Agentes
pela igualdade de gênero
na escola

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	05
O QUE ACONTECE DENTRO DA ESCOLA?	06
NA MINHA CABEÇA SÓ QUERO IDEIAS DE LIBERDADE	07
“MENINO NÃO CHORA” ...MAS FAZ MENINA CHORAR	08
BUSCANDO RESPOSTAS PARA “QUEM SOMOS?”	09
PÓLO POSITIVO + PÓLO POSITIVO = S2	10
SOU “BI”, E DAÍ?	11
QUAL BANHEIRO A SOPHIA PODE USAR?	12
A MÍDIA NÃO É O ESPELHO DA REALIDADE	14
NOSSOS TRAÇOS, NOSSOS FIOS, NOSSA HISTÓRIA	15
ENQUANTO VOCÊ BRIGA, ELE RI	16
MULHER VADIA X HOMEM PEGADOR	17
PUTZ! E AGORA ?	18
ICEBERG DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO	19
SITUAÇÕES DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NA ESCOLA	20
6 CURIOSIDADES SOBRE A LEI MARIA DA PENHA	21
RESISTÊNCIA, FEMINISMO E CONQUISTAS	22
SAIBA MAIS	23
CONHEÇA MAIS NA SUA QUEBRADA	24
QUEM FEZ ESTE MATERIAL?	25



OLÁ!

Olá! Esta é uma publicação em que faremos muitas perguntas. Já começaremos com uma: sua escola já te ensinou alguma coisa sobre relações de gênero? Se você respondeu “não”, perguntamos: na sua escola existe alguma regra que separa meninos e meninas? Lembrou de algo?

Indique aqui.

Agora, pense se na escola você já ouviu alguém falar: “comporte-se como uma menina”, ou “meninos são melhores em matemática”. Bem, aí estão situações em que a escola está ensinando sobre as relações de gênero.

As relações de gênero diferenciam o que nossa sociedade entende por “feminino” e por “masculino”, “coisas de menino” e “coisas de menina”. Ninguém nasce sabendo se gosta de rosa ou azul, nem se vai se chamar Ana ou João; tudo isso é ensinado, inicialmente, no ambiente familiar, na televisão e na escola.

As relações de gênero também “ensinam” desigualdades. Já se perguntou por que muita gente quando quer ofender um menino o chama de “mulherzinha”? Ou por que muitos elogiam falando que a pessoa é “homem com H”? Essas ideias expressam preconceitos, discriminações, violências e privilégios de gênero; e isso também acontece nas escolas.

Em 2015 e 2016, políticos de diversas cidades e estados, inclusive da cidade e do estado de São Paulo, conseguiram proibir a palavra “gênero” nos textos dos Planos Municipais e Estaduais de Educação, argumentando que o tema não deve existir na escola.

Mas sabemos que já existe. Será que estão tentando proibir a reflexão crítica de estudantes, professoras e professores, familiares?

Acreditamos que não há escola e educação de qualidade se não houver promoção de direitos iguais, no caso, se não houver luta pela igualdade de gênero! Por isso resolvemos escrever este material.

Todas as reflexões apresentadas nesta publicação foram realizadas por três jovens mulheres negras, estudantes, moradoras dos bairros de Sapopemba e Itaquera, durante o curso de formação Jovens Agentes pelo Direito à Igualdade de Gênero na Escola (JADIG), promovido pela ONG Ação Educativa entre fevereiro e maio de 2016.

Boa leitura!



O QUE ACONTECE DENTRO DA ESCOLA?



A escola, como parte integrante da sociedade, reproduz relações de desigualdade entre homens e mulheres; entre brancos, negros e indígenas; entre heterossexuais, gays, lésbicas e bissexuais; entre cisgêneros, transexuais e travestis; entre pessoas sem deficiência e pessoas com deficiência; entre os que têm diferentes religiões. *Mas a escola também pode - e deve - combater essas desigualdades, pois tem o objetivo de formar cidadãos críticos por meio de uma educação de qualidade.* É necessário que a escola se repense, pelo seu próprio bem e para formar pessoas capazes de intervir na sociedade de forma justa e igualitária.



NA MINHA CABEÇA SÓ QUERO IDEIAS DE LIBERDADE



O QUE VOCÊ
DEIXOU DE
FAZER POR
SER MENINA?

(conta para
gente?!)

Deixei de....

sair à noite

usar uma roupa
que queria

jogar futebol

Desde muito cedo as meninas são bombardeadas para ter um comportamento construído como feminino. Há muita pressão para se enquadrarem nos padrões de beleza e assumir comportamentos “de mulher”. Que garota nunca ouviu um “feche as pernas”, um “fale baixo”, um “emagreça”? Até professoras e professores falam isso. Às vezes, se preocupam em ordenar como as garotas devem se vestir e se comportar para “não chamar a atenção dos garotos”. *Mas deveriam é ensiná-las a respeitá-las, independente do comportamento, roupa ou corpo delas!* A grande maioria das garotas se comprime e se mutila na tentativa de caber nessa forma que limita a livre existência das mulheres. Precisamos de um mundo em que todas possam ser o que são e o que bem queiram, quando queiram, onde queiram.

Não fale “não” para quem eu sou, fale “não” para quem me agride!



“MENINO NÃO CHORA”... MAS FAZ MENINA CHORAR



Se usou rosa, se chorou, se recusou ser violento, se não seguiu seu “instinto” natural de caçador de mulheres... Pronto, esse cara já não é mais “homem”, não é mais digno da **masculinidade** que impõe que meninos sejam “fortes”, “corajosos” e “machos”. Em nome dessa tal masculinidade eles escondem sentimentos, medos e dores, aprendem a “engolir o choro” e passar por cima de situações sem refletir, aprendem que ter força é poder agredir. A masculinidade se opõe ao que é considerado feminino, seja para ficar bem longe dele (“ser bem macho”) seja para dominá-lo (mandar na mulher).

Quando meninas brincam de boneca estão aprendendo a cuidar de outro ser. Normalmente meninos não são estimulados a isso, o que vai ter reflexos em todos os seus relacionamentos, inclusive na maneira de enxergar a paternidade.

Masculinidade: Conjunto de características construídas social e culturalmente ligadas ao universo do gênero masculino em negação ao feminino.

BUSCANDO RESPOSTAS PARA “QUEM SOMOS?”

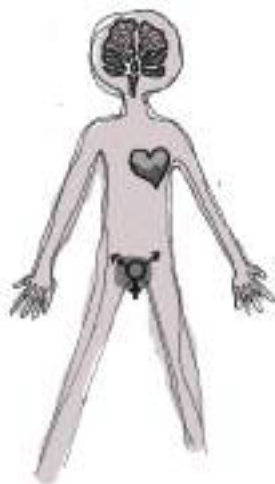
identidade de gênero



desejo afetivo e sexual



genitália



“É menina! Vai se chamar Ana!”, pode ser a fala de uma mãe que acabou de parir. Uma das primeiras coisas que definiu a bebê como alguém no mundo foi o *gênero feminino*: “é menina!”. *Gênero é uma forma de classificar a nossa identidade como feminina ou masculina.* Esta forma é construída socialmente e culturalmente e costuma ser relacionada à *genitália* da criança quando nasce. O gênero não só diferencia “meninas” e “meninos”, mas também os coloca numa relação de poder. Em nossa sociedade, o masculino tem poder em relação ao feminino. É o que chamamos de *machismo*.

E quando Ana for jovem e sua tia perguntar no almoço de Natal se ela está namorando... um menino? Bem, isso diz respeito à orientação sexual. Parece que o gênero já traz um “pacote” todo, né?

Nossa sociedade acha normal quem se alinha no “pacote”: se nasceu com vagina, terá identidade feminina e gostará de homens. Se nasceu com pênis, terá identidade masculina e gostará de mulheres. **Mas e quando Ana se vê como menino e quer se chamar Diogo? Ou, quando Ana gosta de mulheres e se apaixona por Carol?**



Ver relação
homossexual
entre mulheres
pág. 10

Afirmar que o normal é ser isso ou aquilo violenta e oprime quem não se encaixa nessas normas. Precisamos mudar isso! Há muitas formas de sentir, existir, amar e ser no mundo. Todas merecem respeito e igualdade!

Ver
transsexualidade
pág. 12



PÓLO POSITIVO + PÓLO POSITIVO = S2



Todos os dias temos que viver numa sociedade **heteronormativa**, que julga, machuca, condena e mata todos que não se encaixam em seus padrões, onde ser lésbica (mulher - cis ou trans - que sente atração por outras mulheres) é um grande desafio. As pessoas te condenam até pelo olhar, esquecendo que nosso desejo sexual e afetivo não é questão de opção, mas de paixão! Não escolheríamos sofrer e sermos impedidas de ser feliz. É cruel não ser aceita pelo que você é. Na

escola não é diferente: *vemos o quanto ainda é chocante para muitos o fato de uma mulher amar outra mulher.* Quando uma educadora se vale de suas referências pessoais para julgar o que é natural ou não ela desrespeita a individualidade das estudantes e ensina algo criminoso aos demais. Mas mesmo em meio a todo ódio nos levantamos e respondemos tudo

isso com Amor. Sim, existimos. Sim, nosso amor é válido! A fala da professora foi **lesbofóbica** e ignorante. Positivo com positivo, na vida real, dá mais positivo! Professora, tenho orgulho de ser lésbica e lutarei pelo direito de ser feliz assim.

Heteronormativa: característica da sociedade que supõe os desejos e atitudes heterossexuais como padrão de normalidade e que acaba fazendo parecer que não existem outras sexualidades ou que são erradas.

Lesbofobia: aversão, violência, discriminação contra lésbicas por conta da orientação afetivo-sexual delas.

SOU “BI”, E DAÍ?

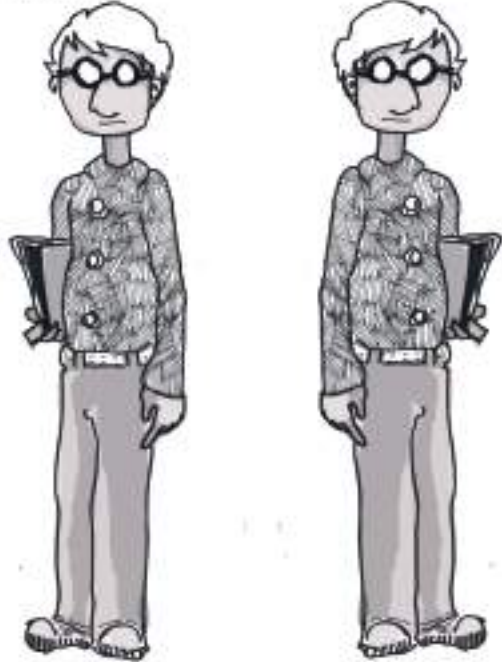
Antonio, 32 anos, gosta de ir ao parque, alimentar cães de rua e fotografar árvores. Isabelle, 19 anos, estudante, negra, escreve uma coluna semanal em um jornal. Kaleb, 20 anos, atleta, faz academia e adora cozinhar. Ana Clara, 25 anos, faz trabalho voluntário todos os finais de semana. Marcelo, 30 anos, assistente e estudante, toca violão e pretende ser professor.

Todos bissexuais. Isso não os impediu de serem tantas outras coisas.

Pessoas são muito além de sua orientação sexual.

Ser *bissexual* não os torna inferiores, nem os impede de ser incríveis. O professor dessa tirinha achou que dizer a verdade em relação à sua orientação sexual impediria os/as estudantes de serem bifóbicos/as. Infelizmente, eles não entenderam que ser bissexual não é ser homo ou hétero, mas gostar de pessoas de todos os gêneros. Ele não é indeciso, só com mais possibilidades. Gay, hétero, lésbica, bi, assexual, não importa. Temos que praticar o RESPEITO com todo mundo.

a diferença entre um professor heterossexual e um professor bissexual:



***Bissexual:** pessoa que sente desejo sexual ou afetivo por pessoas de mesma identidade de gênero que a sua e também de outras.*

***Assexual:** pessoa que não sente desejo ou não tem interesse sexual por outras pessoas.*



QUAL BANHEIRO A SOPHIA PODE USAR?

No país onde mais se mata transexuais e travestis, existem vários relatos de pessoas trans que sofrem violência cotidiana. O caso de Sophia não é diferente:

*“Quando eu cursava o último ano do ensino médio era a única e primeira transexual da escola. Eles não sabiam como lidar com questões da **transexualidade** ou qualquer outra diversidade. Professores insistiam em me chamar pelo nome civil sempre com piadas **transfóbicas**. Fui proibida pela direção de usar o banheiro feminino, a única opção que tinha era de usar o banheiro das pessoas com deficiência e ainda era o masculino. Usaram como desculpa que minha presença iria incomodar as alunas, mas eu tinha um bom relacionamento com elas e muitas ficaram ao meu favor. Sempre soube que esse preconceito e conservadorismo lá partiam de pessoas que tinham graduação e é duro saber que pessoas “estudadas” têm esse pensamento. Foi um*

*momento difícil na escola. Em vez de eu ter uma boa convivência e troca de experiência, me excluíram ainda mais, fazendo com que outros alunos, que ainda não tem alguma noção de **diversidade**, tratassem com preconceito qualquer pessoa que não fosse ‘igual’ a eles.”*



O NAMORADO
DA SOPHIA É
HETEROSSEXUAL?

☐ SIM

☐ NÃO

☐ TALVEZ

☒ Não é da minha
conta, MAS...

O namorado da Sophia é heterossexual, afinal, não sente atração por pessoas de identidade masculina, mas sim feminina.

Ele se apaixonou por uma mulher independente de ela ter sido considerada assim ou não quando nasceu.

Sem confusão!



Homossexualidade não tem nada a ver com **Transexualidade**.

Transexual ou travesti é a pessoa que tem identidade de gênero diferente da que lhe foi atribuída quando nasceu. Está relacionado a como você se sente, se mostra e é. Por exemplo: se a pessoa nasceu com um pênis e foi chamado de “menino”, mas se sente como “menina”, ela é uma mulher transexual ou travesti.

Cisgênero é a pessoa que tem identidade de gênero igual à atribuída ao nascer. Por exemplo, se nasceu com uma vagina, foi chamada de “menina” e assim se sente bem, ela é uma mulher cissexual.

As pessoas transexuais ou travestis podem ser hétero, bi ou homo, assim como as cissexuais.

“VIADO”, “BICHA”
OU “SAPATÃO” COM
MUITO ORGULHO!
NÃO USE COMO
XINGAMENTO.

NÃO EXISTE “OPÇÃO”
SEXUAL, MAS SIM
“ORIENTAÇÃO”, POIS
NÃO É QUESTÃO DE
ESCOLHA.

“ELA OU ELE?” NA DÚVIDA,
PERGUNTE COMO A PESSOA
GOSTARIA DE SER TRATADA.
RESPEITE “A” TRAVESTI, OK?



A MÍDIA NÃO É O ESPELHO DA REALIDADE



A mídia de forma geral invisibiliza e distorce a participação das mulheres na sociedade, em especial das negras, indígenas, lésbicas, bissexuais, transexuais e gordas. É a chamada **violência midiática**, que reproduz crenças, valores e comportamentos machistas, racistas, heteronormativos e que reforçam desigualdades. Nas revistas e nos programas de TV o lugar social da mulher é limitado pela **objetificação** de seu corpo, pela **supersexualização** da sua imagem, pelo enquadramento em **estereótipos** que limitam as possibilidades de “ser mulher” e as reduzem como seres humanos. São invisibilizados comportamentos e competências que não correspondem ao que é encarado como “naturalmente feminino” – como, por exemplo, gostar de carros, ser “fera” na área de exatas, estar em cargo de liderança, estar bem solteira e não estar procurando marido. É preciso romper com esse discurso e valorizar produções da mídia que falem das mulheres da vida real: em suas diversas formas de ser.

Faça o teste, vá à banca de jornal e conte: quantas mulheres negras há nas capas das revistas? Quantas revistas têm uma mulher nua, seminua ou insinuante na capa?

Objetificação: tratar a pessoa como objeto, desumanizá-la para poder subjugar-la.

Estereótipo: é quando esperam que uma pessoa aja de um jeito só porque ela pertence a certo grupo de pessoas, como se todas as pessoas desse grupo agissem da mesma maneira. Os estereótipos reduzem o que a pessoa é.

NOSSOS TRAÇOS, NOSSOS FIOS, NOSSA HISTÓRIA

“A primeira vez que falaram que meu cabelo era duro, dei risada. Ué! Tinha pagado quase cem reais pra deixar meu cabelo liso e ele realmente estava. A única coisa que descaracterizava meu disfarce era minha cor. Depois que comecei o processo de transição, quis entender por que me achava feia e queria fingir ser quem não era. Umas pesquisadas na internet com a palavra “beleza”, uma assistida na novela ou ainda quando pequena, vendo quem são as princesas... tudo isso me fez notar onde estava o erro, e não era em mim, claro. Faltava representatividade para eu assumir quem era, sem medo dos julgamentos. Hoje vejo o quanto ser negro é lindo, nossos traços, nossa cultura e nossa força. *Trazemos na bagagem muitas histórias de luta, o nosso cabelo é resistência e devemos seguir resistindo aos padrões estabelecidos.* O meu processo de reconhecimento foi inspirado em outras negras, que amam seus crespos e me deram forças para assumir o meu. É isso que precisamos: incentivo e empoderamento. O cabelo é seu e as escolhas também, se escolheu ter cabelo liso que assim seja, o importante é que essa escolha faça você se sentir bonita e feliz.”

Trazemos na bagagem muitas histórias de luta, o nosso cabelo é resistência e devemos seguir resistindo aos padrões estabelecidos.

O meu processo de reconhecimento foi inspirado em outras negras, que amam seus crespos e me deram forças para assumir o meu. É isso que precisamos: incentivo e empoderamento. O cabelo é seu e as escolhas também, se escolheu ter cabelo liso que assim seja, o importante é que essa escolha faça você se sentir bonita e feliz.”
(Jheniffer Gomes)



O meu cabelo é _____ . E me sinto linda assim!

É errado ser eu?

Crespo, cacheado, liso. 2a, 3b, 4c. Existe uma infinidade de tipos de cabelos. Isso deveria ser bom, afinal, todos gostamos de ter algo só nosso. Mas por que isso acaba afetando algumas meninas que não aceitam seu próprio cabelo? Tudo o que é diferente do padrão branco, magro e liso é taxado como feio. Daí surge o cabelo “ruim”. Mas quem disse que um desses tipos de cabelo é ruim? Os gurus da propaganda criam um padrão, investem muito dinheiro nele e fazem a sociedade acreditar que aquele é o jeito certo de ser e tudo o que é diferente, é errado. Mas peraí, é errado ser eu? A sociedade reproduz os padrões sem perceber que ele machuca e isola muitas pessoas.

Você usa seu cabelo natural? Pois bem, saiba que ele é lindo. Do jeitinho que ele nasceu. Você é livre para escolher usar seu cabelo como se sentir melhor, liso, cacheado, black, de tranças ou até não ter cabelo, se preferir. Só não deixe de ser quem você é, porque alguém acha feio. *Seu cabelo, suas regras, ok? Mostre para o mundo o poder de seu cabelo, deixe-o ser livre!*



ENQUANTO VOCÊ BRIGA, ELE RI



No Ensino Médio é comum presenciar meninas brigando na porta da escola. O motivo: “fulano”, que traiu a namorada. Se pararmos para refletir, esse fulano sempre é aquele menino que não tá nem aí para o relacionamento, desvaloriza a namorada, quebra os acordos da

relação, nunca está presente durante a briga ou fica de longe olhando e rindo. A nossa cultura é tão machista que faz essas mulheres acreditarem que a culpa é sempre de outra mulher. A cultura da masculinidade esquece de ensinar aos homens que eles devem cuidar da relação, e isso significa respeitar seus acordos e os sentimentos da companheira. Isso também vale para casais **homoafetivos**, que às vezes reproduzem relações machistas. Manas, não é legal agredir outra garota. Se ele te desrespeitou é porque não serve para você. Fique com alguém que te faz sorrir e não chorar. Não entre em desespero achando que vai ficar sozinha. *Se valorize.*

Se ame. Antes de ser plural, aprenda a ser singular. Se você sentir a necessidade de brigar com outra garota para proteger sua relação com um cara, significa que essa relação não vale a pena. Se a pessoa de fato te respeita, você não vai precisar disputar.



O mundo já é bem cruel com todas as mulheres. Se elas são pobres, negras, transexuais, lésbicas, as opressões se somam. Então, antes de julgar e brigar com uma mulher, lembre-se que já tem bastante gente fazendo tudo isso por aí. Se coloque no lugar dela e tente o diálogo, exercite a **empatia!** Lembre-se: *somos irmãs, não rivais.*

MULHER VADIA X HOMEM PEGADOR



Ficar com muitas pessoas não te faz melhor nem pior e isso vale para todo mundo. Mas as mulheres são julgadas severamente quando ousam exercitar sua sexualidade. Se não mostram interesse em sexo são “frígidas” e “mal comidas”, se mostram, são “vadias”. Já o homem é sempre o “pegador”. Isso só mostra o quão desigual é a relação estabelecida. Meninos, o que te faz xingar uma menina de “vadia”? *Ninguém tem o direito de tentar controlar a sexualidade de ninguém.* Por isso, meninas, afirmamos: *seu corpo, suas regras!*



Nem a metade da laranja, nem a tampa da panela, nem o sapato para o pé cansado... *Mana, você já nasceu inteira*, não precisa de ninguém para te completar, apenas para **SOMAR**. E quando se relacionar, não esqueça que às vezes o que chamam de amor é uma cilada, ou melhor, uma violência, um relacionamento abusivo.

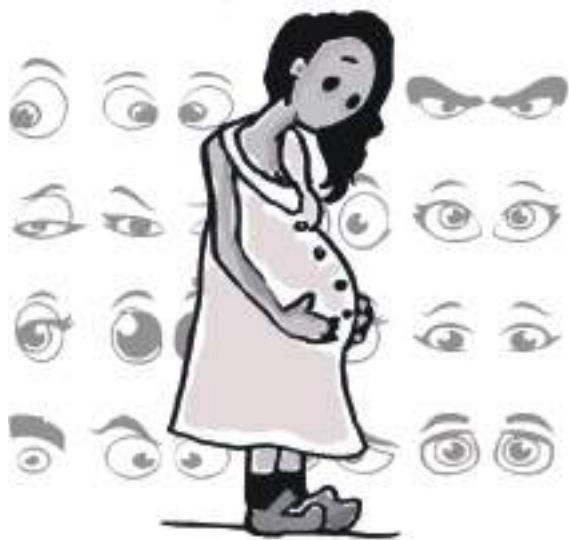
Frases para mulheres praticarem

“Isso não me faz bem”

“Não faça isso”

“Isso não é necessário”





PUTZ! E AGORA ?

“Tive medo de ser julgada, desvalorizada e de não conseguir criar meu filho” conta Ester, que engravidou aos 16 anos e enfrentou uma difícil fase da vida. Existe um injusto tabu sobre a sexualidade das mulheres, em especial das adolescentes, que quando engravidam são duramente sentenciadas, em vez de apoiadas. A gravidez pode trazer dificuldades: ter que trabalhar, se casar, parar de estudar.

Quando engravidou, Ester não

cogitou a possibilidade de **abortar**. O aborto é considerado crime para a maioria das situações e muitas mulheres o realizam clandestinamente. Em clínicas caras pode ser feito sem riscos à saúde, mas, sem poder pagar, várias mulheres pobres morrem por tentar abortar em condições inseguras. É sobre escolhas que estamos falando, sobre uma decisão que deve partir da consciência e necessidade de cada mulher. O aborto é uma realidade e deve ser discutido sem moralismo individual.

Gravidez na adolescência também é questão social:

mulheres periféricas e pobres engravidam mais. *Além da desigualdade de gênero muitas e muitos jovens têm relacionamentos precoces e sem proteção, pois falta um ensino de qualidade que dialogue com a sexualidade.*

A situação se torna mais difícil quando o pai nega apoio, o que é visto como algo comum. A sociedade costuma cobrar somente ajuda financeira e relevar a responsabilidade afetiva e familiar com a criança. As jovens sofrem com a sobrecarga e o julgamento permanente, quando deveriam ser apoiadas. Mãe, jovem e solteira: **“dois contra o mundo”**.

20 e 29 anos

faixa etária da maioria de mulheres que abortam. Além disso, elas normalmente seguem uma religião, possuem um relacionamento estável e têm pelo menos um filho. As adolescentes representam apenas 7%.⁴

31%

do total de partos realizados nos hospitais do SUS são de mães adolescentes¹

113.164 mil

brasileiras foram internadas em 2012 por problemas de saúde provocados por abortos clandestinos²

5,5 milhões

de crianças estão sem o nome do pai na certidão de nascimento no Brasil³

ICEBERG DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO



O machismo mata diariamente, tanto direta como indiretamente. Abusos psicológicos e difamação são formas de violência difíceis de perceber. Abalam a autoestima e o desenvolvimento das mulheres, principalmente na construção social iniciada na escola.

Frases para mulheres praticarem

Você está me deixando desconfortável

“Não fale comigo assim”

“Não sou obrigada”

“Não levante o dedo para mim”

“Não”

“Isso não é engraçado”

“Você me interrompeu”

“Saia”



SITUAÇÕES DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NA ESCOLA

Invisibilização: “Sou uma jovem negra e *não me vejo refletida nos livros didáticos*. As figuras femininas, quando existem, são todas brancas. A história oficial só retrata o povo negro no período da escravidão, sempre falam da passividade e nunca da resistência, e, se lembram que resistimos, findam a conversa falando de Zumbi. Sou mulher e sou negra, não sou uma coisa ou outra, sou as duas juntas. Não é só a escola que não sabe lidar com a minha condição de raça e gênero, mas nela esperava pelo menos que tentassem”.

Humilhação/culpabilização: “Como se não bastasse a humilhação de ter fotos minhas íntimas divulgadas na internet por um garoto da escola, percebi o quanto professores/as e a coordenação não sabiam o que fazer nessas situações. Fui punida com suspensão junto com o garoto, mesmo eu sendo a vítima. Descobri que o que ele fez comigo chama **revenge porn**. Ninguém me disse que isso é crime, *estavam muito ocupados me culpabilizando por eu ter confiado nele.*”

Assédio sexual: “Desde o começo do ano eu ficava constrangida com os olhares daquele professor. Até que um dia, quando eu estava no corredor esperando a aula, ele passou por mim, olhou pra minha bunda e falou, na frente dos meninos: “Essa calça deveria ser proibida aqui na escola, não vê como tira a atenção dos alunos e dos professores?”. Fiquei com tanta raiva que apenas gritei: “e está olhando por quê, seu safado?”. Ele me mandou para a diretoria, eu levei suspensão e ainda fui zoada pela turma. Mas eles que estão errados. *O corpo é meu, a roupa é minha e o que eles fizeram é crime!*”

Revenge porn (pornografia da vingança): ato de expor fotos e/ou vídeos de conteúdo sexual explícito ou com nudez sem consentimento das pessoas envolvidas.

6 CURIOSIDADES SOBRE A LEI MARIA DA PENHA

Não importa idade, classe social, cor, raça, lugar onde mora, religião e orientação sexual, todas as mulheres têm direito a uma vida sem violência e à proteção da lei.

Grande parte da população já ouviu falar sobre a Lei 11.340/06, mas a maioria acha que é uma “lei para punir quem bate na esposa”, mas Maria da Penha é muito mais do que isso.

1- Quem é a Maria da Penha?

Professora universitária e biofarmacêutica, Maria da Penha Maia Fernandes ficou paraplégica depois de ser brutalmente agredida pelo ex-marido. Ele tentou matá-la duas vezes e só foi preso porque ela apelou para as cortes internacionais de direitos humanos.

2- O que é violência doméstica?

É qualquer ação ou omissão que cause morte, lesão corporal, sofrimento físico, sexual ou psicológico, dano moral ou patrimonial, praticada dentro ou fora de casa, com quem conviva ou tenha convivido.

3-Violência doméstica é aquela cometida somente por marido e ex-marido?

Não, a lei se aplica também a namorado ou ex-namorado. Pode acontecer durante ou depois do fim do namoro, mesmo que não viva na mesma casa. Vale também para os demais integrantes da família: pai, avô, irmão, primos e etc.

4- A lei se aplica a lésbicas e trans?

Sim, segundo a lei, todas as situações de violência doméstica e familiar não dependem da orientação sexual e entendem a identidade de gênero de mulheres trans e travestis.

5- O que devo fazer em caso de violência doméstica?

Ligue **180** para realizar o encaminhamento para os serviços de proteção à mulher, e 190 para registrar a ocorrência.

6-Outra pessoa pode registrar o boletim de ocorrência ou apenas a vítima?

Nos crimes de lesão corporal, qualquer pessoa pode fazer o boletim de ocorrência. Mas quando se trata de crimes de ameaça, somente a vítima.

RESISTÊNCIA, FEMINISMO E CONQUISTAS

O feminismo, ou melhor, **feminismos** são movimentos sociais que lutam contra a opressão do gênero feminino pelo masculino com objetivo de construir a **igualdade entre os gêneros**.



Quem será
que escreveu
esses livros?

As lutas de mulheres europeias brancas pelo direito ao voto, no início do século 20, foram registradas por **muitos livros** como pioneiras do feminismo. Mas esta é uma visão eurocêntrica e branca, pois desde o século 16 mulheres negras questionaram e combateram a opressão de gênero desde que foram raptadas e capturadas na condição de escravizadas. *A resistência empreendida pelas mulheres negras no Brasil possui vínculos profundos com uma luta ancestral por justiça.* Essa história precisa ser contada nas escolas, tanto como história do feminismo como quanto História geral.

Acreditamos no feminismo que entende o quanto as mulheres são diversas e diferentes em relação à sua classe social, raça/cor e idade. Essas diferenças afetam diretamente como cada segmento de mulheres é oprimido e também as lutas que historicamente promoveram. Os feminismos trouxeram muitas conquistas para as mulheres, uma delas é podermos escrever este material! *E para você, quais conquistas o feminismo trouxe?*

Somos!

SUELI CARNEIRO
AQUALTUNE
AMELINHA TELLES
ANGELA DAVIS
DANDARA ZUMBI
PITTY
NINA SIMONE
JUDITH BUTLER
ROSA LUXEMBURGO
PAGU
CAROLINA MARIA DE JESUS
LUISA MAHIN
DONA IVONE LARA
SIMONE DE BEAUVOIR
ADICHIE
HELOISA BUARQUE DE ALMEIDA
HELEIETH SAFIOTI
ALEXANDRA KOLONTAI
CHIMAMANDA

#Elenãotebate

Relacionamento abusivo e violência psicológica também são formas de violência.

#Portodaselas

Estupro de menina de 16 anos por 30 homens desencadeou uma série de atos contra a cultura do estupro

#MeuAmigoSecreto

Atitudes machistas que passam despercebidas no dia a dia são denunciadas por meio dessa hashtag

#MeuPrimeiroAssédio

Mulheres contam sobre a primeira vez que foram assediadas

#SeráQueÉRacismo

Situações racistas que são naturalizadas são denunciadas

Blogs/sites

Gorda e sapatão <http://bit.ly/1Ukhsev>
 Djamilia Ribeiro <http://bit.ly/1NCVhwG>
 Blogueiras feministas <http://bit.ly/1PIINwS>
 Geledés <http://bit.ly/1Scn7mK>
 Promotoras legais populares <http://bit.ly/1ZS34f4>

Textos

Interseccionalidade: Kimberle Crenshaw <http://bit.ly/25YkehZ>

Sejamos todos feministas (Chimamanda Ngozi Adichie) <http://bit.ly/1Xqbj3G>

Gênero: a história de um conceito, de Adriana Piscitelli no livro Diferenças, Igualdade. de Heloisa Buarque de Almeida e José Eduardo Szwako (orgs.): São Paulo, Berlendis e Vertecchia editores (2009) <http://bit.ly/1UzRbpM>

Vídeos e filmes

Imagem mulher

<http://bit.ly/1twDKkQ>

Cores e botas

<http://bit.ly/1rqnpw2>

Tomboy

<http://bit.ly/1UPq50b>

Garota dinamarquesa

<http://bit.ly/1Pucnfc>

Libertem Ângela Davis

<http://bit.ly/1Udy5LR>

A Negação do Brasil

<http://bit.ly/1PucdVa>

Feminismo Negro e Filosofia - Djamilia Ribeiro

<http://bit.ly/1Q5isEp>

Páginas Facebook

/Caminhada.Les.Bi
 /Marchamnegra
 /empodereduasmulheres
 /NaoKahlo
 /periferiatrans
 /gritodasereia

Indique para seu/sua Professor/a

Gênero e Educação

<http://bit.ly/1S61Fv3>

De Olho nos Planos

<http://bit.ly/1LbKbfn>

Livros

Diferentes, não desiguais: a questão de gênero na escola. De Michele Escoura, Beatriz Accioly Lins e Bernardo Fonseca Machado.

Capitolina, o poder das garotas. Várias autoras.



CONHEÇA MAIS NA SUA QUEBRADA

• Centro de Defesa da Criança e do Adolescente - Cedeca Sapopemba
R. Vicente Franco Tolentino, 45 - Parque Santa Madalena, São Paulo - SP, 03982-180, Brasil

Fone: (11) 2702-2729

• CDCM "Casa Cidinha Kopcak"
Rua Margarida Cardoso dos Santos, 500 - São Mateus
Fone: (11) 2015-4195

• CDCM "Casa Anastácia"
R. Areia da Ampulheta, 101 - Castro Alves - Cidade Tiradentes
Fone: (11) 2282-4706

• CDCM "Casa Maria Da Penha"
Rua Sabbado d'Ângelo, 2085, 2º andar - Itaquera
Fone: (11) 2524-7324

• CDCM "Casa Mulher Ação"
Rua Luís Lopes Correa, 116 - Guaianases
Fone: (11) 2557-5646

• CDCM "Casa Zizi"
Rua Teotônio de Oliveira, 101 - Vila Ema
Fone: (11) 2216-7346

• CDCM "Casa de Isabel - Projeto Nana Serafim"
Rua Professor Zeferino Ferraz, 396 - Itaim Paulista
Fone: (11) 2156-3477

• CISM I "Centro de Integração Social da Mulher I"
Rua do Fico, 234 - Ipiranga
Fone: (11) 2272-0423

TransCidadania <http://bit.ly/1Civt5u>
Museu da diversidade <http://bit.ly/1XXU0YQ>
SOF <http://bit.ly/1sGWqgR>
Casa de lua <http://bit.ly/1tx1Coj>
Biblioteca feminista Cora Coralina <http://bit.ly/1UVzwZB>

• Centro de Referência da Mulher 25 de Março
Rua 25 de Março, 205 – Centro
Fone: (11) 3106-1100

• Centro de Cidadania LGBT Arouche
Rua do Arouche, 23, 4º andar, República
Tel.: (11) 31068780
centrodecidadanialgbt@prefeitura.sp.gov.br

• 1ª Delegacia de Defesa da Mulher - Centro
Rua Dr. Bittencourt Rodrigues, 200 - térreo - CEP 01017-010 - São Paulo
Telefone: (11) 3241-3328

• 5ª Delegacia de Defesa da Mulher - Leste
Rua Dr. Corinto Balduino Costa, 400 - 2º andar - CEP 03069-070 - São Paulo
Telefone: (11) 2293-3816

• 7ª Delegacia de Defesa da Mulher - São Miguel Paulista
Rua Sabbado D'Angelo, 46 - Itaquera - térreo - CEP 08210-790 - São Paulo
Telefone: (11) 2071-3488

• 8ª Delegacia de Defesa da Mulher - São Mateus
Avenida Osvaldo do Valle Cordeiro, 190 - 2º andar - CEP 03584-000 - São Paulo
Telefone: (11) 2742-1701

QUEM FEZ ESTE MATERIAL?



Bianca Cruz tem 30 anos e mora no centro de São Paulo. É cientista social, educadora e faz mestrado em teatro e feminismo. Sua camisa mais linda é a da Rede Emancipa de Educação Popular. Canta e batuca com a roda de samba de mulheres Sambadas.



Thainá Rodrigues tem 19 anos mora na ZL-Itaquera. Vestibulanda, pretende entrar em faculdade pública para cursar biologia. Se declara socialista e feminista e adora animais.



Anieli Silva, 18 anos, Feminista, estudante de Marketing e futura estudante de Direito, ama a cor azul e é mãe de sete gatinhos



Jheniffer Gomes, 20 primaveras, feminista, mora em Sapopemba, não acredita em signos, mas coloca toda culpa de sua indecisão no seu sol em gêmeos. Estuda para o vestibular e sonha em cursar medicina.

Juliana Gonçalves, 30 anos, jornalista que brinca de poetizar. Mulher negra em movimento, tem uma porção de amigos, pouco dinheiro e muitos sonhos. O maior deles é ajudar na construção de uma sociedade menos desigual para seu filho Akins Samuel.

Paloma Franca Amorim, tem 29 anos, adora desenhar, fazer samba, escrever e tirar um cochilo.

Gledson Neix, 30 anos, designer e artista gráfico. Diretor da Agência Enkel, morador da zona leste de São Paulo, skatista, filho de Odé e pai do Cauê.

JADIG
AÇÃO EDUCATIVA



Dados referentes à página 18:

¹ Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 2013.

² Estudo realizado pelo Instituto Guttmacher (Estados Unidos) publicado em 2015 no Journal of Obstetrics & Gynaecology (BJOG).

³ Dados do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), com base no Censo Escolar de 2011.

⁴ Estudo realizado pelas universidades de Brasília (UnB) e Estadual do Rio de Janeiro (Uerj) em 2008.



Por que discutir gênero na escola?

Concepção e redação: Anieli Silva, Bianca Cruz, Jheniffer Gomes,
Juliana Gonçalves, Thainá Rodrigues.

Edição: Bianca Cruz e Juliana Gonçalves

Revisão: Barbara Lopes

Ilustração: Paloma Franca Amorim

Diagramação: Gledson Neix

Coordenação: Bianca Cruz

Realização: Ação Educativa – Assessoria, pesquisa e Informação

Apoio: Norwegian Church Aid e Terre des Hommes

São Paulo, junho de 2016.

Disponível online no link: http://bit.ly/jadigs_generonaescola



Realização



JADIG – Jovens Agentes
pela igualdade de género
na escola

Apoio

